

O sindicalismo no ensino superior e o caso português no contexto de experiências internacionais

O sindicalismo tradicional - em Portugal como no resto do mundo e em praticamente todos os sectores - está a passar por uma longa fase difícil, um retrocesso que acompanha as grandes mudanças das nossas economias e sociedades. Contudo, quer em termos da sindicalização, quer da mobilização profissional colectiva, a situação do ramo do ensino superior caracteriza-se e sempre se caracterizou por várias particularidades que o distinguem, mesmo em relação aos restantes ramos da educação (não-superiores) e outras profissões. As características próprias do corpo profissional, as suas relações de trabalho e as suas formas particulares de inserção nas instituições de ensino e de investigação – para não falar da sua cultura profissional - apresentam obstáculos à aceitação dos modelos tradicionais do sindicalismo. Aliás, e como sinal dessa realidade, no panorama internacional muitas organizações de docentes e investigadores do ensino superior nem sequer se chamam sindicatos, mas antes “associações profissionais”, apesar da função representativa que possam desempenhar na esfera laboral.

Actualmente os docentes e investigadores do ensino superior nos mais diversos países são confrontados com desafios semelhantes advindo do sub-financiamento das instituições, da intensificação das exigências de produtividade científica, da empresarialização, da precarização e da austeridade, e da burocratização administrativa associada à supressão da governação colegial-democrática das instituições. Por isso, o SNESup achou por bem introduzir no seu Congresso, como um passo concreto no seu esforço contínuo de estabelecer laços sindicais internacionais, um momento de reflexão com base na troca de experiências com colegas sindicalistas de outros países.

Para o efeito, o SNESUP convidou representantes de sindicatos de ensino superior de vários países a estarem presentes e a partilharem as suas experiências num painel do seu congresso com o título “O Sindicalismo no Ensino Superior e Investigação: Experiências Internacionais”. A mesa do painel contou com a participação de Max Roy da *Fédération québécoise des professeurs et professeurs d'université* (FQPPU) de Canadá, Marc Delepouve do *Syndicat National de l'Enseignement Supérieur* (snesU.p) da França, e de José Moura Filho Brasil da *Secção Sindical dos Docente da UFSM* (Sedufsm) do Brasil. Também esteve presente na mesa Paulo Peixoto Portugal da direcção do SNESup para acrescentar o caso português à discussão.

Não há espaço aqui para resumir as apresentações (que podem ser visualizadas no Youtube @ <https://www.youtube.com/watch?v=VyTtokXN-vw>) e por isso tentaremos apenas apresentar alguns pontos mais importantes que retirámos da sessão.

Apesar de convergências nos problemas do sector, como soubemos desta pequena amostra de sindicatos, as abordagens dos sindicatos são bastante diversificadas, o que tem muito a ver com os sistemas de ensino superior e os sistemas sindicais em cada país. Por exemplos, quanto às suas estruturas organizacionais, podemos destacar a estrutura federalista do sindicalismo no

Québec e no Canadá, sendo a FQPPU uma organização autónoma de 15 sindicatos locais de Quebec; um universo ideológico e politicamente bastante fragmentado no ensino superior francês do qual o snesU.p faz parte; a rede complexa de sindicatos institucionais, municipais, estaduais e nacionais no Brasil. Por outro lado, e isto é capaz de ser uma característica específica do sindicalismo docente e de investigação, todas as organizações presentes desempenham um papel fundamental de representação **profissional** dos professores e investigadores junto às instituições e ao poder político – se bem que podem ou não ter funções na negociação salarial – e portanto, tal como o SNESup ou FENPROF em Portugal, preocupam-se em intervir ao nível político para influenciar as estratégias de desenvolvimento das instituições e as políticas educativas e científicas e não apenas com os aspectos laborais das carreiras. Esta função permite aos sindicatos dos professores e investigadores ultrapassarem o seu papel corporativista e tornarem-se porta-vozes competentes dos interesses comuns da comunidade educativa e científica do ensino superior no seu conjunto, conciliando na medida possível os interesses do sector e os interesses de desenvolvimento do país. Assim, todos procuram (com mais ou menos êxito) trabalhar em comum com outros tipos de organizações activas no sector (não apenas outras organizações sindicais mas também conselhos públicos ou associações de actores relevantes).

Nesse sentido algumas experiências ou campanhas específicas referidas no painel valem a pena referir.

A experiência da FQPPU durante a greve estudantil de 2012 contra o aumento das propinas no Québec é demonstrativa da possibilidade dos sindicatos do ensino superior assumirem um papel de vanguarda para toda a comunidade educativa e científica quando aceitam participar em alianças com outros actores em movimento. O aumento das propinas em 2012 provocou uma reacção massiva dos estudantes de Québec e uma greve de 100 dias às aulas. Ora, o papel da FQPPU deveu-se em grande medida à sua disponibilidade para aliar-se com os estudantes em consonância com a sua concepção assumida do acesso ao ensino superior enquanto direito e não como privilégio. Mas, por outro lado, a FQPPU foi capaz, segundo Max Roy, de demonstrar ao público como a intensificação do trabalho dos professores não conseguiria acompanhar as necessidades de um sistema universitário em expansão, ou seja, como a manutenção da qualidade do ensino dependia não tanto do investimento em infraestrutura física (edifícios) mas sobretudo do desenvolvimento e renovação do corpo docente. Assim, a FQPPU conseguiu mobilizar a resistência dos próprios professores às políticas do governo em apoio dos estudantes. E através da sua capacidade de apresentar estratégias e políticas educativas e científicas alternativas, o sindicato conseguiu assumir-se como porta-voz dos interesses comuns da comunidade educativa do ensino superior.

O painel também chamou a atenção para a importância da participação dos sindicatos do ensino superior em fóruns internacionais sobre a educação e a ciência. Esta participação pode aumentar a força e a legitimação do “lobby” deste sector juntas ao público e poder político nacionais. Segundo Marc Delepouve, que apelou à participação também dos sindicatos portugueses em iniciativas ao nível europeu, a experiência do sindicalismo docente francês em campanhas organizadas aos níveis europeu e mundial demonstra que essas podem

influenciar as prioridades dos apoios internacionais à investigação num sentido progressista.

Finalmente, a discussão da avaliação do desempenho individual, iniciada por Paulo Peixoto a partir do exemplo do caso português, chamou a atenção para o efeito desmobilizador das pressões actuais productivistas sobre os docentes e investigadores, intensificadoras de dinâmicas individualistas no trabalho científico com a consequência da retracção de actividades de interesse colectivo. Foi uma sessão productiva que esperamos ser apenas o início do diálogo do SNESup com os congéneres internacionais.

Alan Stoleroff